

Mulheres Kaiowá e Guaraní
EXPRESSÕES

Ana Maria Colling
Losandro Antonio Tedeschi
(Organizadores)





Universidade Federal da Grande Dourados
Editora UFGD
Coordenação Editorial: Edvaldo Cesar Moretti
Administração: Givaldo Ramos da Silva Filho
Revisão e normalização bibliográfica: Raquel Correia de Oliveira
e Tiago Gouveia Faria
Programação Visual: Marise Massen Frainer
e-mail: editora@ufgd.edu.br

Conselho Editorial
Edvaldo Cesar Moretti | Presidente
Wedson Desidério Fernandes
Célia Regina Delácio Fernandes
Luiza Mello Vasconcelos
Marcelo Fossa da Paz
Paulo Roberto Cimó Queiroz
Rozanna Marques Muzzi

Foto de capa: meninas da aldeia indígena de Dourados, fotografadas por Fabiana Assis Fernandes.

Proibida a reprodução e a comercialização do material. Distribuição gratuita.

Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação das imagens contidas neste livro e pelas opiniões nele expressas, as quais não são, necessariamente, as mesmas da UNESCO e não comprometem a organização.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da UFGD, Dourados, MS, Brasil

M956 Mulheres Kaiowá e Guarani : expressões / Ana Maria Colling, Losandro Antonio Tedeschi (organizadores) – Dourados-MS : Ed. UFGD, 2014.
84 p.

ISBN: 978-85-8147-090-0
Possui referências.

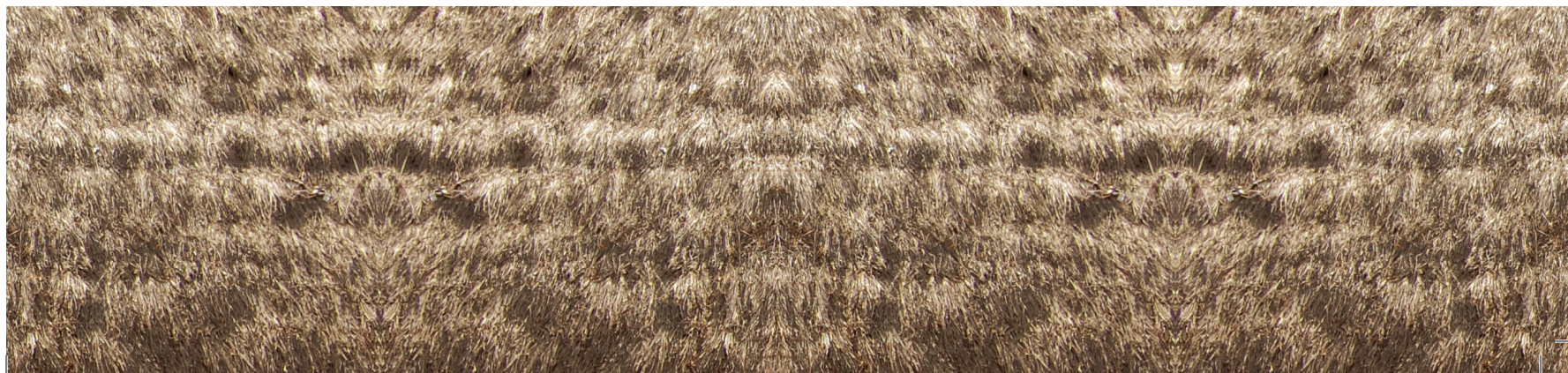
1. Índios – Fotografias. 2. Indígenas. 3. Mulheres Kaiowá. 4. Mulheres Guarani. I. Colling, Ana Maria. II. Tedeschi, Losandro Antonio.

CDD: 980.41

Responsável: Vagner Almeida dos Santos. Bibliotecário - CRB.1/2620

Mulheres Kaíowá e Guaraní
EXPRESSÕES

Ana Maria Colling
Losandro Antonio Tedeschi
(Organizadores)





Mulheres Kaiowá e Guaraní

EXPRESSÕES

“Em relação a muitas dessas fotos, era a História que me separava delas.
A História não é simplesmente esse tempo em que não éramos nascidos?”

(Barthes, R. *A câmara clara*, p. 96-97)

Dourados, Mato Grosso do Sul. Índias e índios kaiowá e Guaraní fazem parte da paisagem diária da cidade. Estão presentes nas ruas: caminhando, pedalando, andando em pequenas carroças, jogando futebol, marretando e fazendo compras, nos mercados, nas lojas e também na Comissão da Verdade. Estão presentes nas universidades locais: são alunos, tanto dos cursos de graduação quanto dos mestrados e doutorados, nas mais diversas áreas do conhecimento.

Índigenas kaiowá e Guaraní têm ocupado considerável espaço na mídia nacional e internacional em questões envolvendo a opressão associada à posse de suas terras. De fato, índias e índios foram destaque neste ano de 2014 como protagonistas da Comissão da Verdade, onde falaram sobre os episódios de violência – assassinatos, expulsão de territórios tradicionais e confinamento em pequenas reservas – durante o processo de ocupação do estado por colonos. Neste contexto de episódios dramáticos e da sistemática violação de seus direitos, a mídia nacional e internacional divulga, por meio de suas manchetes, imagens que muitas vezes dizem mais do que qualquer texto.

Nossa proposta, neste ensaio fotográfico, é a de mostrar a presença feminina indígena na cidade de Dourados e nas aldeias próximas, através de fotografias clicadas pelo olho feminino. Fabiana Fernandes, acadêmica do curso de História, sob nossa orientação, “capturou” o cotidiano feminino nas ruas, nas aldeias e na universidade. Mulheres velhas, mulheres jovens e crianças: todas kaiowá e Guaraní.

Desde o surgimento, no início do século passado, da Escola dos Annales na França – tida como a revolução francesa da historiografia – e da publicação de *Novos Problemas*, *Novas Abordagens* e *Novos Objetos* – a partir da década de 70 –, novas questões foram incorporadas a esta disciplina. Uma nova história social da família, da criança, do casamento, do sexo e da morte passou a ser contada, ao passo que as tradicionais fontes de pesquisa mostraram-se insuficientes na abordagem destas mesmas questões. A história das mulheres e a história da vida privada também exigiram informações não disponíveis na documentação cartorial. O conceito de documento foi ampliado, passando a incorporar a imagem, a literatura e a cultura material.

Neste contexto, a fotografia surge como objeto privilegiado de análise, constituindo-se num importante texto de caráter não verbal. Desde sua descoberta até os dias de hoje, a fotografia vem acompanhando o mundo contemporâneo e suas transformações, registrando tudo numa linguagem de imagens. No início, quando da invenção da fotografia na França, em 1839, houve o predomínio dos homens na arte de fotografar e, no papel de fotógrafos, mostraram interesse em destacar a figura feminina como modelo de beleza. Atualmente, fotografia e história incorporam-se à história social, com imagens dando sentido ao mundo real. Exemplo disso é Sebastião Salgado, fotógrafo brasileiro, que percorre o mundo clicando e registrando as diversidades sociais e culturais, assim como denunciando as desigualdades. Consideramos, por isso, a relação entre fotografia e história como uma opção política, como uma escolha realizada dentre um conjunto de formas do relato histórico, mostrando-se como a visão de mundo daquele que aperta o botão e eterniza. O olhar feminino sobre a fotografia, nesta perspectiva, é um desejo de demonstrar o protagonismo das mulheres, da infância à velhice. E foi assim neste ensaio fotográfico.

Este trabalho traduz a vontade de dois professores engajados em trabalhos acadêmicos que privilegiavam as questões de gênero e o protagonismo feminino. Mostram-se aqui, através de imagens, índias kaiowá e Guarani em sua beleza cotidiana e em seu espaço cultural. Tal espaço, todavia, não é homogêneo, já que marcado por oposições como campo/cidade, espaço interno/externo, público/privado (e sua relação com a experiência vivida e com o espaço construído).

As fotografias que registram o momento do trabalho, o lúdico, a formação, a reza, o cuidar dos filhos, a busca pela sobrevivência e os ritos de passagem propiciam o conhecimento de diversas formas de manifestação das mulheres indígenas. Ao captarmos momentos do cotidiano de diferentes gerações de mulheres Kaiowás e Guaranis, buscamos, através da fotografia, um meio que expressa e legitima as suas práticas sociais enquanto grupo social. As diversas cenas das mulheres indígenas compreendem um rico panorama da vida feminina, bem como afirmam a posição central que ocupam em suas comunidades, elas, sujeitos da vida social, como sempre foram.

Ana Maria Colling
e Losandro Antonio Tedeschi
(Organizadores)

























































A group of indigenous students, mostly young women, are holding a large white banner. They are wearing traditional feathered headdresses. The background shows a clear blue sky, a street lamp, and a metal structure. The banner text is in bold, black, uppercase letters.

ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA
DE ENSINO MÉDIO INTERCULTURAL
GUATEKA - MARCAL DE SOUZA

































































































A fotógrafa

Fabiana Assis Fernandes, nascida em Dourados, Mato Grosso do Sul, é estudante do curso de licenciatura em História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Desde a sua entrada na vida acadêmica, seu foco de estudo sempre esteve voltado para as relações de gênero, para as questões de identidade e para os diálogos interculturais. Participante ativa de diversos movimentos sociais da cidade, teve seu primeiro contato com o movimento de mulheres indígenas em meados de 2009, através de membros da AMID (Associação de Mulheres Indígenas de Dourados). Nos anos seguintes, intensificou sua experiência de contato com as populações indígenas, principalmente nos entornos das aldeias Jaguapiru e Bororó, onde conheceu diversas rezadoras, artesãs, professoras, marreteiras, universitárias, etc. É o cotidiano destas mulheres que está registrado nas fotografias expostas neste livro.

No processo de militância dentro das aldeias, tais registros também expõem diversos momentos de atividade cultural realizadas por artistas das mais variadas artes com crianças e adolescentes nas aldeias, e diversos outros encontros públicos nas aldeias e acampamentos da região, além dos espaços urbanos da cidade de Dourados.

Em 2012, no campo científico, publicou, no II Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Antropologia e Etno-história, o artigo científico “Kuña Aty Guasu: a grande assembleia de mulheres Guarani Kaiowá e Nhandeva de MS”, iniciando naquele momento um aprofundamento à volta das relações políticas e sociais das mulheres indígenas nas aldeias e acampamentos da região. No ano de 2013, juntamente com duas cientistas sociais, produziu o documentário Flor Brilhante e as cicatrizes da pedra, o qual relata o cotidiano de uma matriarca na aldeia Jaguapiru e a problemática que vive sua família, em consequência da exploração da mineração nas proximidades da aldeia. Atualmente é colaboradora do Laboratório de estudos de Gênero, História e Interculturalidade e bolsista do Bolsa Cultura da UFGD. Nesta universidade ministra oficinas socioeducativas de construção de instrumentos alternativos nas aldeias e acampamentos indígenas da região de Dourados. Os registros fotográficos deste livro abrangem as aldeias Jaguapiru, Bororó e Panambizinho, os acampamentos Apyka'i, Ita'y, Guyra Kambi'y além dos espaços urbanos da cidade de Dourados.

